

UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA CRÔNICA "PAIS", DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO

Adriana de Alcântara Oliveira*
Maria de Lourdes Leandro Almeida (orientadora) **

RESUMO:

A Análise do Discurso (AD) é uma corrente de estudos que oferece um campo bastante fértil para analisar o processo de produção de sentidos em variados gêneros discursivos escritos. Em vista disso, nos propomos, neste artigo, fazer uma análise, com base na AD de linha francesa, da crônica "Pais", de Luis Fernando Veríssimo, com a finalidade de demonstrar como os discursos dos sujeitos/personagens se confrontam acerca de um mesmo tema, uma vez que tais sujeitos ocupam um lugar discursivo ideológico e socialmente marcado. Para tanto, utilizaremos, entre outros, como aporte teórico Fernandes (2007), Orlandi (2007) e Almeida (2007).

PALAVRAS-CHAVE: *Discurso; Sujeito discursivo; Ideologia; Leitura.*

A DISCURSIVE ANALYSIS OF THE CHRONICLE "PAIS" WRITTEN BY LUIS FERNANDO VERÍSSIMO

ABSTRACT:

The Discourse analysis (DA) is a fertile field of study which deals with the investigation of meaning production in a variety of written discursive genres. In this article, as our theoretical basis is the French discourse analysis, we propose to investigate Luis Fernando Veríssimo's chronicle "Pais", in what concerns to the subjects/characters' confrontation of discourses in relation to the same theme, given that the subjects occupy a discursive place which is ideologically and socially marked. To achieve this end, our theoretical support takes into account the works of Fernandes (2007), Orlandi (2007) e Almeida (2007).

KEY WORDS: *Discourse; Discursive subject; Ideology; Reading.*

UN ANÁLISIS DISCURSIVO DE LA CRÓNICA "PAIS", DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO

RESUMEN:

El Análisis del Discurso (AD) es una serie de estudios que ofrece un campo bastante fértil para analizar el proceso de producción de sentidos en varios géneros discursivos escritos. Como vista en esto, nos proponemo, con este artículo, hacer un análisis, con base en el AD de línea francesa, de la crónica "Pais", de Luis Fernando Veríssimo, con el objetivo de demostrar cómo los discursos de los sujetos/personajes se enfrentan

acerca de un mismo tema, una vez que tales sujetos ocupan un lugar discursivo ideológico y socialmente marcado. Para ello, utilizaremos, entre otros, como aporte teórico Fernandes (2007), Orlandi (2001) e Almeida (2007).

PALABRAS-CLAVE: *Discurso; Sujeto discursivo; Ideología; Lectura.*

Palavras iniciais

A Análise do Discurso (de agora em diante AD) é uma disciplina que abre espaço para analisarmos o processo de produção de sentidos em variados gêneros discursivos escritos. Para tanto, o objeto de investigação da AD é o *discurso*. Este é entendido, conforme argumenta Orlandi, (2007, p. 15) como “palavra em movimento, prática de linguagem”. Nesse sentido, podemos dizer que “discurso não é língua, nem texto, nem fala, mas que necessita de elementos linguísticos para ter uma existência material.” (FERNANDES, 2007, P. 18). Assim, o *discurso* é um fenômeno exterior à língua, mas necessita desta para se materializar, trazendo consigo sempre uma ideologia, já que ele é proferido por sujeitos sócio-histórico-ideologicamente marcados.

O *discurso* é resultado do entrecruzamento de vários discursos, que se negam e se contradizem. Dessa maneira, é comum encontrarmos sujeitos discursivos em oposição, em confronto acerca de um mesmo assunto.

No presente artigo, analisamos a crônica “Pais”, de Luis Fernando Veríssimo, com a finalidade de demonstrar como há confrontos entre os discursos dos sujeitos/personagens em torno de um mesmo tema, uma vez que tais sujeitos ocupam um lugar discursivo ideológico e socialmente marcado. Para tanto, utilizamos as contribuições teóricas de Fernandes (2007), Orlandi (2007) e Almeida (2007) sobre a Análise do Discurso de linha francesa, para embasar as discussões que fomentamos.

1. Análise do Discurso: um pouco da teoria

A Análise do Discurso (AD), corrente que surgiu nos fins dos anos 60 do século passado, entende a língua não como sistema abstrato, imanente, mas como um sistema concreto em constante transformação, que visa atender às necessidades dos sujeitos que a utiliza em uma dada situação comunicativa. A respeito desse assunto, Orlandi (2007) argumenta que:

A Análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. (ORLANDI, 2007, p. 15-16)

Entender a linguagem em funcionamento, tomando como ponto de partida apenas a estrutura lingüística não satisfaz à dinamicidade da língua. Assim, a AD volta-se para o extralingüístico, o social, o histórico, para assim desvendar os “segredos” que estão “escondidos” nos gêneros discursivos, “segredos” esses que geram os efeitos de sentido de um texto.

O *discurso* como objeto de análise da AD, como já elucidamos, não é visto como algo fixo e homogêneo, pois o *sujeito* que o constitui e se constitui pelo *discurso*, não é entendido como um ser individualizado, não homogêneo, mas como um ser descentrado, fragmentado, heterogêneo, que “é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. (ORLANDI, 2007, p. 20). Assim como o *sujeito*, os seus discursos também são afetados pelo real da língua e pelo real da história, e, portanto, não são fixos, estão sempre se movendo e sofrem transformações sociais e políticas de toda natureza que integram a vida humana. (FERNANDES, 2007, p. 20).

Ao argumentar a respeito do *sujeito*, e em específico o *sujeito discursivo*, visto que este é um ser social que constitui e se constitui no *discurso*, Fernandes (2007), comungando com os pressupostos teóricos de Orlandi, afirma:

O sujeito, mais especificamente o sujeito discursivo, deve ser considerado sempre como um ser social, apreendido em um espaço coletivo; portanto, trata-se de um sujeito não fundamentado em uma individualidade, em um “eu” individualizado, e sim um sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história e não em outro. (FERNANDES, 2007, p. 33)

O que implica dizer, como assim atestam os estudos de Orlandi (2007), que o *sujeito discursivo* funciona pelo *inconsciente* e pela *ideologia*. Esta é compreendida, conforme ressalta Fernandes (2007), como uma concepção de mundo de determinado grupo social em um dado momento histórico. Assim, a *ideologia* se materializa no *discurso* do *sujeito* enunciador, que é “constituído por várias vozes sociais” (FERNANDES, 2007, p. 34), vozes estas que se relacionam e contribuem para a *formação discursiva* do sujeito.

A *formação discursiva* é constituída por várias vozes, daí entender que esta não é homogênea. “Toda formação discursiva apresenta, em seu interior, a presença de diferentes discursos, ao que, na Análise do Discurso, denomina-se *interdiscurso*.”

(FERNANDES, 2007, P. 51). É no *interdiscurso* que se encontram dizeres já ditos, os quais constituem o sentido. Por outro lado, temos o *intradiscurso*, que representa aquilo que o sujeito está falando em uma dada situação discursiva, ou seja, a formulação do *discurso*. É da relação entre o *interdiscurso* e o *intradiscurso* que conseguimos desvendar os sentidos que podem ser atribuídos a um determinado gênero discursivo em uma dada situação de materialização do discurso.

Tomando como referência a contribuição dos conceitos teóricos que trazemos da Análise do Discurso de linha francesa, analisaremos a crônica "Pais", o *corpus* que constitui a pertinência deste trabalho. A referida crônica se encontra transcrita na íntegra logo a seguir, para que haja um melhor entendimento, no que se refere às discussões que serão suscitadas.

2. A crônica, *corpus* da análise

Pais

Por casualidade, os três ficaram lado a lado na igreja. Tinha mais ou menos a mesma idade do pai da noiva. Que acabara de passar por eles, radiante com a filha pelo braço, a caminho do altar.

– É – disse um deles –, esse deu sorte.

Os outros dois concordaram, com os ruídos indefinidos.

– A minha se juntou.

– A minha já declarou, textualmente, que casamento não tá com nada.

– Pior é a minha.

– Ah, é?

– Casou-se num ritual novo aí. Nem sei que religião é. No meio do campo. Eu me recusei a ir. A mulher foi e voltou com urticária.

– A minha avisou que tinha se juntado quando já estavam juntos. Achou que eu gostaria de saber. Não gostei.

– Estou tentando convencer a minha a casar. Não importa com quem. Desde que tenha cerimônia. Já disse até que eu forneço o noivo. Pago o vestido, pago a igreja, pago o coro, pago a festa e a lua-de-mel e ainda entro com o noivo. Sabe o que ela me diz?

– Sei.

– "Burguesão".

– É. A minha disse que talvez até case um dia, quando os filhos tiverem idade para carregar a cauda do vestido. Quer dizer, ainda nos gozam.

- Querem nos matar. Querem nos matar.
- E eu que sonhava com essa cena?
- Nem me fala.
- Sou capaz até de alugar uma igreja, contratar a música, botar uma fatiota e desfilar sozinho pelo corredor. Só para ter a sensação.
- Acho que a gente devia fazer um trato. O primeiro da nossa geração que tivesse uma filha disposta a casar em igreja, com vestido e tudo, convidaria os outros para entrar junto com ela na igreja. Cada um desfilaria uma determinada distancia de braço com a noiva, depois passaria para o outro, e assim até o altar.

2.1. “Descortinando” os sentidos do texto

Antes de partimos para a análise propriamente dita, queremos deixar claro que em função dos objetivos deste artigo, não explanaremos os aspectos literários da crônica em questão, o que não significa dizer que não os reconhecemos.

Ao percorremos a leitura da crônica, logo em suas primeiras linhas, percebemos que os sujeitos/personagens/pais, enunciadores do discurso, ao se encontrarem numa cerimônia de casamento, trazem para tal situação discursos que dialogam acerca de um mesmo tema: o casamento. E é a partir desse fato social, que as ideologias materializadas nos discursos, estes por sua vez materializados nos enunciados, conforme assevera Almeida (2007), contribuem para a produção de sentidos do texto.

Ao observarem a cerimônia de casamento, nos moldes tradicionais (a noiva sendo conduzida pelo pai em direção ao altar da igreja e provavelmente vestida de branco), três pais começam a desabafar entre eles sobre o que as filhas pensam a respeito desse ritual. Elas não aparecem para materializar os seus discursos, mas estes são materializados através do discurso dos sujeitos enunciadores/pais. E é, justamente, por conta de os discursos das filhas estarem trazidos através das “falas” dos pais, que podemos dizer que há uma espécie de confronto entre o discurso paterno (digo apenas o discurso porque os três representam uma mesma visão de casamento) e os discursos das filhas. Ou ainda podemos dizer: o confronto entre o “discurso burguês” de casamento *versus* os discursos que se opõem a esse modelo. Discursos estes, representantes das mudanças ocorridas, no que concerne à visão de casamento no fim do século XX, e conseqüentemente, início do século XXI.

Insatisfeitos com as decisões das filhas, cada pai diz o que seria capaz de fazer para tentar convencê-las a se casarem. Um deles confessa que está tentando

convencer a filha a se casar, diz que até forneceria o noivo, pagaria a igreja, o coro, a festa, lua-de-mel e ainda entraria com o noivo na igreja. Essa atitude revela que, para o pai, parece ser mais importante a cerimônia, o ritual na igreja e não a felicidade da filha. Mas tudo isso parece se tornar em vão porque os tempos são outros, a ideologias são outras, os valores são outros. E cada filha assume tem seus discursos, no que tange ao casamento.

Dando seqüência a leitura da crônica, observamos que esta ainda nos possibilita dizer que existe um diálogo entre discursos religiosos. Pois há uma *formação discursiva* explicitamente marcada: a igreja. Um dos sujeitos/pais ao enunciar que a filha “Casou-se num ritual novo aí.”, e ainda acrescentar que não sabe a qual religião pertence tal ritual, traz para seu discurso discursos religiosos de base ideológica distinta que dialogam acerca de um mesmo tema. Essa afirmação se justifica pelo enunciado acima exposto, pois o mesmo conota o desprendimento ou até mesmo a descrença do pai em relação à religião à qual a filha provavelmente está ligada.

Entender que nessa crônica existem formações ideológicas distintas, no que se refere tanto ao discurso burguês de casamento *versus* discursos que se opõem a esse modelo, quanto aos discursos religiosos é a peça fundamental para atribuímos sentidos a esse gênero discursivo. O fato de haver um casamento no moldes tradicionais nessa crônica revela que há um discurso burguês de casamento vigorando para um determinado grupo social, ou seja, há um discurso que tenta preservar/manter esse modelo de casamento. Em contrapartida, na dinâmica do mundo social, representando as mudanças de valores do século XX, (digo do século XX ainda porque o texto foi publicado no final dos anos noventa) encontram-se os discursos que se opõem a esse modelo. Os diferentes discursos materializados na crônica levam-nos a refletir sobre as mudanças de comportamentos, de valores que a sociedade ou que as sociedades têm passado, e, conseqüentemente revela-nos mundos em tensão que dialogam entre si.

Algumas considerações

A partir do estudo aqui realizado, ou seja, da análise da crônica “pais”, constatamos que para conseguirmos obter uma interpretação de um gênero discursivo acurada, é necessário, como assim atestam os estudos de Fernandes (2007), sair da estrutura linguística e criar possibilidades para compreendê-la em sua exterioridade,

ou seja, no social, espaço em que o lingüístico, o histórico e o ideológico coexistem em uma relação de implicância. Assim, podemos dizer que a Análise do Discurso é uma disciplina imprescindível, pois é por ela e com ela que podemos interpretar os mais diversos sentidos que podem ser atribuídos a um gênero discursivo escrito.

Para finalizarmos este trabalho, queremos dizer que a análise aqui realizada é uma possibilidade de se interpretar a crônica em questão, pois é importante que, nas atividades de interpretação e também nas atividades de leitura de um gênero discursivo escrito, consideremos a opacidade da linguagem, a sua não transparência, conforme atestam os estudos de Fernandes (2007). Pois ao fazermos essa consideração entendemos que por traz das palavras ditas, como assim argumenta Orlandi (2007), o não-dito produz sentidos que não podem ser controlados e que não se encerram em si, uma vez que a língua não é um sistema abstrato, mas concreto e dinâmico que o sujeito utiliza para materializar os mais diversificados discursos.

Referências bibliográficas:

ALMEIDA, Maria de Lourdes Leandro. **O sujeito e o poder na escola**: confronto revelador da função-autor no texto escrito escolar. In: SILVA, Antônio de Pádua Dias; ALMEIDA, Maria de Lourdes Leandro; ARANHA, Simone Dália Gusmão (orgs.). Literatura e Linguística: teoria, análise, prática. João Pessoa: EDUEPB, 2007, pp. 83-101.

FERNANDES, Cleudimar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.128 p.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 7ª Edição, Campinas, SP: Pontes, 2007.

VERISSIMO, Luis Fernando. **Pais**. In: CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. Português: linguagens, 9º ano: língua portuguesa. 3. ed. – São Paulo, Atual, 2006.